



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS



JESSICA DE ALMEIDA MUNIZ

ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES DO ENSINO TRADICIONAL DE GRAMÁTICA
NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

SANTA CRUZ DO PIAUÍ

2024

JESSICA DE ALMEIDA MUNIZ

**ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES DO ENSINO TRADICIONAL DE GRAMÁTICA NO
9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras Português do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Estadual do Piauí (NEAD – UESPI) como requisito para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador: Prof. Me. Ismael Paulo Cardoso Alves

SANTA CRUZ DO PIAUÍ

2024

JESSICA DE ALMEIDA MUNIZ

**ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES DO ENSINO TRADICIONAL DE GRAMÁTICA NO
9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras Português do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Estadual do Piauí (NEAD – UESPI) como requisito para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Ismael Paulo Cardoso Alves
Orientador(a)

Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Dedico este trabalho principalmente a Deus, a minha família e a amigos pelo apoio, pela paciência, pela dedicação e pelo carinho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu forças para trilhar caminhos desconhecidos e que me carregou nos braços no momento em que fraquejei.

À minha família pelo incentivo constante.

Aos professores e tutores, pela paciência e pela dedicação que tornaram possível a realização desse trabalho. Em especial, ao professor orientador Ismael Paulo Cardoso Alves.

E a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desse trabalho.

“A leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si.”

(KLEIMAN, 2014, p. 57)

RESUMO

Este estudo apresenta como temática a análise das implicações do ensino tradicional de Gramática no 9º ano do Ensino Fundamental, no intuito de abordar a relevância da utilização de atividades lúdicas como estratégia pedagógica para promover o aprendizado e o desenvolvimento das competências desse componente curricular no ambiente escolar. O trabalho partiu do objetivo principal de analisar como o ensino de gramática está sendo desenvolvido no 9º ano do Ensino Fundamental e de que forma ele contribui para o aprendizado, enfatizando o desenvolvimento de competências de leitura e escrita. Para a elaboração desse trabalho, foram destacadas ideias de autores que tratam do tema: Bagno (2013), Geraldi (2017), Possenti (2013), entre outros. Diante de todas as informações contidas nesse estudo pode-se concluir que a utilização de práticas lúdicas no contexto de ensino torna-se um elemento motivador para o desenvolvimento das habilidades cognitivas dos estudantes, contribuindo de forma significativa para seu aprendizado.

Palavras-chave: Atividades lúdicas; Ensino Básico; Gramática; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The theme of this study is an analysis of the implications of traditional grammar teaching in the 9th grade of elementary school, with the aim of addressing the relevance of using playful activities as a pedagogical strategy to promote inclusion and the development of skills in this curricular component in the school environment. The main objective of the work was to analyze how the use of playful activities in the Portuguese language teaching process contributes to inclusion, emphasizing the development of reading and writing skills, as well as skills that promote the criticality and creative capacity of students. During the construction of this work, ideas from authors who deal with the subject were highlighted: Bagno (2013), Geraldi (2017), Possenti (2013), among others. Through this work, it was understood that the use of playful practices in the teaching context becomes a stimulating and motivating element for students' cognitive and affective abilities, contributing significantly to their integral development.

Keywords: Playful activities; Primary education; Grammar; Portuguese language.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Artigos analisados nesse estudo	26
--	----

LISTA DE SIGLAS

PCNs: Parâmetros Curriculares Nacionais

LDB: Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1 CONCEPÇÕES TRADICIONAIS DE LINGUAGEM E SEU IMPACTO NO ENSINO DE GRAMÁTICA	12
1.1 A linguagem e a comunicação humana	12
1.2 O processo de linguagem e o ensino da gramática	14
1.3 Compreendendo o estudo da gramática	16
1.4 Os tipos de gramática e sua influência no ensino de gramática	20
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DA PESQUISA	24
CAPÍTULO 3: ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES DO ENSINO TRADICIONAL DE GRAMÁTICA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	26
3.1 Resultados da pesquisa integrativa de revisão	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

Segundo Geraldi (2017), a escola tem o dever social de ampliar e favorecer o aprendizado, fazendo para isso uso, por exemplo, de atividades lúdicas, especialmente no processo de desenvolvimento dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. A utilização de práticas lúdicas nesse contexto torna-se um elemento motivador das competências e das habilidades dos estudantes, contribuindo de forma significativa para seu aprendizado.

Por isso, é crucial que o educador compreenda a importância das atividades diferenciadas no ensino de gramática. A escola deve, para isso, considerar o contexto social e de aprendizado dos estudantes, utilizando jogos simbólicos e outras atividades apropriadas para essa fase do desenvolvimento escolar, pois, por meio disso, os alunos aprendem a aplicar regras e as normas que regem o ensino de gramática. Nesse prisma, é inegável a importância do ensino de gramática para os alunos do 9º ano, pois auxilia na formação integral do ser humano, tanto na esfera cognitiva quanto na social.

A partir disso, o trabalho tem como objetivo principal analisar como o ensino de gramática está sendo desenvolvido no 9º ano do Ensino Fundamental e de que forma ele contribui para o aprendizado, enfatizando o desenvolvimento de competências de leitura e escrita. De maneira específica: (1) reconhecer de que forma as aulas poderão contribuir para a compreensão de regras gramaticais fundamentais da Língua Portuguesa e aplicá-las de forma contextualizada em diferentes situações de leitura, escrita e comunicação oral; (2) analisar as atividades utilizadas pelos docentes para ensinar conceitos gramaticais aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, tornando o aprendizado mais atrativo e participativo; e (3) destacar os principais desafios vivenciados pelos professores no decorrer de suas aulas no que diz respeito à motivação e ao interesse dos alunos.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. CONCEPÇÕES TRADICIONAIS DE LINGUAGEM E SEU IMPACTO NO ENSINO DE GRAMÁTICA

1.1. A linguagem e a comunicação humana

A língua pode ser considerada como o mais forte traço cultural que identifica um povo, pois boa parte do que a cultura possui se expressa através da língua. É através dela que o processo de assimilação e reprodução de valores e aspectos culturais são transmitidos para outros povos.

A linguagem é a via de comunicação humana que permite uma interação capaz de repassar informações, ideias, conteúdos, humor, opiniões, conhecimento, sentimentos etc. A linguagem se desenvolveu de forma gradual, levando milhares de anos para se caracterizar como a conhecemos hoje, uma habilidade inata que codifica informações cada vez mais complexas.

O fato é que a evolução da linguagem humana é tão marcante para a história da humanidade que é responsável pelas complexas relações sociais que perpassam a história (passado) e a atualidade.

Biologicamente o ser humano passou por uma adaptação natural que veio evoluindo para possibilitar uma melhor comunicação, pois temos os aparelhos fonadores e um cérebro ajustado para esse fim. Para abordar a linguagem como fato biológico, temos que analisar a evolução do homem.

Corroborando a ideia de fato biológico, como algo inato do ser humano, Fiorin (2013, p. 17) diz que:

A linguagem consiste na capacidade humana de se comunicar através de signos e, diferentemente de outras ferramentas culturais, como a pintura, a matemática ou a física, que precisam ser aprendidas, a linguagem é uma capacidade já programada no homem, isto é, o homem nasce programado para a linguagem.

Fiorin (2013, p. 45) considera a linguagem como um fenômeno biológico, que, não só inato, foi desenvolvido ao longo da história humana devido às relações interpessoais que foram sendo estabelecidas em decorrência do seu modo de vida, como a coleta e a partilha de alimentos e o envolvimento na criação dos filhos. A

linguagem está relacionada, desse modo, com a comunicação consensual. Assim, “revela” o que as pessoas estão pensando assim como também regulam as ações que estão sendo ou que serão praticadas.

Entendendo a linguagem dentro de suas características principais, pode-se afirmar ser ela multifacetada. Acerca dessa abordagem, tem-se a afirmação de Yunes (2003, p. 56):

O reconhecimento de que a cultura é também sentimentos e expectativas que chegam a nós, não só verbalmente, mas também por imagens e impressões, coloca em jogo o fato de que a cultura é imediatamente linguagem, mas que esta não se restringe às formas verbais de expressão orais ou escritas e, ainda, que *a linguagem não é toda a cultura*, mas uma das formas pelas quais ela se expressa, em razão de conteúdos explícitos e implícitos, visíveis ou não.

Gomes (2007, p. 91) norteia seus estudos centrado na linguagem e na identidade étnica, mostrando como a linguagem, mais do que uma marca de diferenciação, simboliza a diferença subjetiva dos sujeitos. Essa diferença pode ser interpretada na atualidade a partir do nível de interação nas redes de comunicação de um indivíduo.

De acordo com as pesquisas realizadas por Perfeito (2007), a concepção de linguagem como expressão do pensamento mantém raízes profundas na tradição gramatical grega, passando pelos latinos e percorrendo a Idade Média e a Idade Moderna. Para essa linha, a língua tem sua origem na mente dos indivíduos e a exteriorização da linguagem depende da capacidade humana de organizar a lógica do pensamento através de uma linguagem estruturada e organizada. Conforme Perfeito (2007), essa concepção fundamenta os estudos linguísticos tradicionais, pressupondo que a natureza da linguagem é fundamentada na racionalidade, uma vez que considera que os indivíduos pensam de acordo com regras universais de classificação, divisão e segmentação do mundo, promovendo uma doutrina essencialmente normativa em relação ao que é certo e ao que é errado.

Por isso, é de extrema importância que os professores, no ambiente escolar, reflitam sobre o ensino da gramática no sentido de promover uma proposta educativa capaz integrar todos os alunos de maneira ativa e participativa. O ensino de gramática deve possibilitar a formação crítica do aluno para que o mesmo possa utilizá-la no decorrer de todo o processo de ensino-aprendizagem.

1.2 O processo de linguagem e o ensino da gramática

O ensino de gramática é indispensável para o aprendizado. Ela não somente é necessária para obter resultados satisfatórios nos exames, mas para conhecer, apreciar, valorizar tudo o que o sujeito escreve, pois, segundo Matos e Silva (1995, p. 33), através da leitura e da escrita, um indivíduo “é capaz de adotar uma postura pessoal perante tudo o que foi escrito pela humanidade”.

Na definição de Mendonça (2006) o jeito *tradicional* de ensinar gramática pode ser entendido como um “conjunto de práticas que se solidificaram com o passar do tempo, com regularidade de ocorrência, o que terminou por constituir uma tradição”. Acrescentamos à definição que o objeto privilegiado desse modelo é a Gramática Tradicional, definida por Ribeiro (2001) como um “híbrido lógico-filosófico-normativo, incapaz, pela heterogeneidade de sua natureza, de oferecer caráter científico e por estar baseada unicamente nas línguas clássicas e, em razão de sua característica idiossincrônica, não puder ser aplicável à multiplicidade das línguas”.

Koch (2014) afirma que o conhecimento de mundo do educando é um ponto chave para a compreensão do ensino de gramática na escola. Desse modo, se o professor apresentar um texto que não tem relação com o contexto e com a vivência, dificilmente ele terá para o aluno um valor significativo.

A GT concebe a língua como um objeto autônomo e homogêneo, por isso, ela condena os usos diferentes das regras prescritas pela norma-padrão. Esse dogmatismo está de tal modo arraigado na nossa cultura que é comum ouvirmos pessoas, inclusive aquelas que passaram anos expostas a tal ensino, dizendo que “não sabem português” (Antônio, 2006).

Assim, é necessário preparar o educador para trabalhar de forma dinâmica. Para isso, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular (1997, p. 78), é necessário que:

O ensino garanta a formação de métodos de análise, de fixação e conservação da informação que permitam a assimilação independente dos conhecimentos científicos acumulados nas formas tradicionalmente utilizadas, livros e revistas científicas, documentos entre outros.

Desde a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 5.692/71), consoante à concepção de língua como instrumento de comunicação, delineou-se um conceito de produção escrita como apropriação do código linguístico

enquanto objeto autônomo, que existe independentemente do sujeito (SAVIANI, 2017). Consequência dessa perspectiva, como lembra Brito (2009, p. 78):

A linguagem deixa de cumprir qualquer função real, e a leitura e a escrita tornam-se uma prática mecânica e descontextualizada, que pouco contribui para o uso concreto e eficaz da linguagem em situação de interação social.

O conhecimento da gramática, por meio, por exemplo, das regras gramaticais é bastante necessário. Entretanto, a concepção errônea de que os alunos que não “conhecem” a regras gramaticais não sabem a língua materna faz com que se crie um equívoco alarmante no que se refere à apropriação da língua, bem como a reprodução de determinadas crenças associadas a esses equívocos. Para Bagno (2003, p. 84), por exemplo, um dos problemas seria “o fato de a escola impor a norma culta, desconsiderando a diversidade linguística existente no Brasil”. Teyssier (1997, p. 52) complementa esta ideia dizendo que o ensino do Português no ambiente escolar “tem sido preso às regras de gramática normativa, estudando conceitos da língua padrão com exemplos inspirados nos clássicos literários”.

Por causa disso, as aulas de português, na maioria dos casos, são ministradas a partir de um plano anual que o professor precisa desenvolver no ano letivo, muitas vezes descontextualizado, porque não leva em conta as dificuldades de aprendizagem e as concepções linguísticas atuais relacionadas à gramática e seu uso no cotidiano do aluno em sociedade. Dessa forma, o professor, ao prender-se ao “certo e errado” referente às questões pedagógicas que envolve o ensino da Língua Materna, limita-se à concepção do ensino tradicional.

Para Vygotsky (2000, p. 44):

A formação de conceitos não pode ser reduzida à memorização e o método de ensino que se prende a isso é falho por estimular o aprendizado de forma pronta e acabada. A prática do ensino da língua exige a elaboração de atividades voltadas para interação do sujeito com o mundo e as pessoas que estão a sua volta.

Travaglia (2010, p. 76), referente ao ensino em sala de aula, defende que, nas atividades, é possível utilizar dois tipos de gramática reflexiva:

Trabalhar com exercícios que levam o aluno a nomear fatos da estrutura e do funcionamento da língua, e com propostas voltadas para os efeitos

de sentido que os elementos linguísticos podem produzir numa situação comunicativa.

Sanchez (2018, p. 151) destaca que essas:

(...) atividades podem assumir as formas que a capacidade de criação do professor encontrar, mas devem sempre fazer o aluno pensar na razão de se usar determinado recurso em determinada situação para produzir determinado efeito de sentido. Isto vai fazer com que ele utilize com mais segurança e precisão os recursos da língua ao produzir seus textos e tenha capacidade de leitura bastante ampliada e aperfeiçoada, para julgar o que quer dizer o produtor de um texto, ao usar certos recursos determinados da língua e não outros.

Assim, é preciso reiterar que a escola se apresenta como o ambiente propício para que os alunos, de maneira geral, adquiram condições necessárias para a assimilação de conhecimentos específicos que servirão como suportes norteadores para o sucesso educacional, profissional e social.

A análise linguística, portanto, é uma abordagem que visa promover a reflexão explícita e sistemática sobre o sistema linguístico e os usos da língua, com o propósito de desenvolver habilidades de leitura e fala/escrita. Essa abordagem incentiva a reflexão e vai além da classificação e da identificação, valorizando a compreensão profunda dos usos da língua. Portanto, a análise linguística é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de competências e habilidades textuais e linguísticas em estudantes, capacitando-os para interagir com autonomia e eficácia em eventos de letramento diversos.

1.3 Compreendendo o estudo da gramática

De acordo com Widdowson (2011), o objetivo final na aprendizagem da língua é levar o educando a adquirir competência comunicativa para interpretar o mundo que o cerca. Para isso, o trabalho em língua portuguesa deve ser pensado, então, para que o aluno aprenda a refletir, de modo que despertar a aprendizagem significativa implica que ele relacione o conteúdo desenvolvido em aula com a ação prática, a fim de abordar o ensino da língua portuguesa centrado na interação. Para isso, segundo a BNCC (2017, p. 85), cabe à escola:

Viabilizar o acesso ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los, para que seja possibilitado ao aluno ampliar o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, algo importante para a sua participação crítica em uma sociedade letrada.

Os PCNs (1997, p. 95) preconizam que a prática de análise e de reflexão sobre a língua é fundamental para a expansão da capacidade de produzir e de interpretar textos. A partir dela, é possível explicitar saberes implícitos dos alunos, abrindo espaço à sua reelaboração, no caso da escrita, ou à discussão sobre diferentes sentidos atribuídos ao texto, no caso da leitura, e sobre elementos discursivos que validam ou não essas atribuições de sentido.

De acordo com o pensamento de Bagno (2013), é imprescindível, portanto, estimular, nas aulas de língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de possibilidades sociolinguísticas, por exemplo, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos.

Dessa maneira, o ensino de língua materna deve levar o estudante a, gradativamente, adquirir e dominar os processos da língua falada e escrita. Para isso, a escola "deve trabalhar na direção de uma progressiva sofisticação dos textos, que se caracterizam especialmente pelo domínio das variadas estratégias e de vários gêneros" (POSSENTI, 2013, p. 32).

O ensino de gramática deve ser visto como um processo no qual o aluno realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, seus conhecimentos sobre o assunto, sobre o autor, e tudo que sabe sobre a língua. É uma atividade que implica compreensão. Aprender é desenvolver habilidades especiais para pensar sobre muitos aspectos, variados e diferentes que o viver nos oferece e entende todas as mensagens que a atenção e a observação possam captar do mundo que nos cerca.

Dessa forma, assumir esse desafio significa abandonar as atividades mecânicas e desprovidas de sentido, que levam as crianças a distanciar-se da gramática por considerá-la uma mera obrigação escolar, significa, também, incorporar situações em que ler determinados materiais seja imprescindível para o desenvolvimento dos projetos que se estejam levando a cabo, que produzam o prazer que é inerente ao contato com textos verdadeiros e valiosos.

Segundo Lerner (2002, p. 34):

(...) orientar as ações para a formação de escritores, de pessoas que saibam

comunicar-se por escrito com os demais e com elas mesmas, em vez de continuar "fabricando" sujeitos quase ágrafos, para quem a escrita é tão estranha, onde só se recorre a ela em última instância e depois de haver esgotado todos os meios para escapar de tal obrigação.

Assim, é necessário que os alunos cheguem a serem produtores da gramática, consciente da pertinência e da importância de emitir certo tipo de mensagem em determinado tipo de situação social, em vez de se treinar unicamente como "copistas" que reproduzem - sem um propósito próprio - o escrito por outros, ou como receptores de ditados cuja finalidade se reduz à avaliação por parte do professor. Infelizmente, essa não é a realidade ainda do ensino no nosso país. Para tanto, afirma que a gramática formalista, que nos foi ensinada na escola, é composta de duas fases: na primeira, aprendemos (ou mais precisamente, não aprendemos) uma nomenclatura complicada e confusa, uma selva de sujeitos, adjuntos, advérbios, orações subordinadas, enfim, um palavrório que parece inventado de propósito para esconder a falta de conteúdo da disciplina; na segunda, somos submetidos a uma série de ordens e de recomendações do tipo "nunca diga nem escreva isto, porque o certo é aquilo". E, pior ainda, paira a ideia de que a gramática já estava pronta: obra de cérebros há muito extintos, não muda nem pode mudar (PERINI, 1997, p.56).

Desse modo, o desafio é conseguir que os alunos manuseiem com eficiência os diferentes escritos que circulam na sociedade, e cuja utilização é necessária ou enriquecedora para a vida (pessoal, profissional, acadêmica), em vez de se tornarem especialistas nesse gênero exclusivamente escolar que se denomina "composição" ou "redação".

E, para que o ensino de gramática deixe de ser na escola somente um objeto de avaliação e se constitua, realmente, em um objeto de ensino, é preciso que os alunos se apropriem da escrita e a ponham em prática, sabendo que é um longo e complexo processo constituído por operações recorrentes de planejamento, textualização e revisão. Só assim se abrirá caminho para que este conhecimento deixe de ser patrimônio exclusivo de alguns privilegiados que têm a oportunidade de adquiri-lo fora da escola, enquanto outros continuam acreditando no que a apresentação escolar da escrita leva a crer que, segundo Bamberger (1994, p.19):

É possível produzir um texto quando começa a aula e terminá-lo quando bate a sineta: que é possível começar a escrever no momento, mesmo em que foi definido o tema que será objeto de texto; que a escrita foi concluída quando

se pôs o ponto final na primeira versão, que corresponde a outra pessoa - ao professor, não ao autor - se encarregar da revisão.

Para isso, é importante promover a descoberta e a utilização do ensino de gramática como instrumento da reflexão sobre o próprio pensamento, como recurso insubstituível para organizar e reorganizar o próprio conhecimento, em vez de manter os alunos na crença de que a escrita é somente um meio para reproduzir passivamente ou para resumir - mas sem reinterpretar - o pensamento de outros.

Esses desafios implicam uma mudança profunda e levá-la à prática não será fácil para a escola, pois as chamadas “reformas educativas” costumam tropeçar em fortes resistências. Tendo em vista que a instituição escolar sofre uma verdadeira tensão entre dois polos contraditórios: a rotina repetitiva e a moda. Ao mesmo tempo em que a tradição opera como um fator suficiente para justificar a adequação de conteúdos e métodos, costumam aparecer e se difundir no sistema escolar “inovações” que nem sempre estão claramente fundamentadas.

É importante, então, como mostra G. Brousseau (1991) citado por Lerner (2002, p. 34):

Distinguir as propostas de mudança que são produtos da busca rigorosa de soluções para os graves problemas educativos que enfrentamos daquelas que pertencem ao domínio da moda. As primeiras têm, em geral, muita dificuldade para se expandir no sistema educativo, porque afetam o núcleo da prática didática vigente; as segundas - embora sejam passageiras - se irradiam facilmente, porque se referem a aspectos superficiais e muito parciais da ação docente.

Se essas mudanças profundas impactam o ensino da gramática, a resistência do sistema escolar mostra-se intensa, pois questiona a prática didática consolidada e a forma como a escola concebeu tradicionalmente sua missão alfabetizadora. Para ele, o que se deve ensinar é a língua pela prática, pelo desenvolvimento das diversas competências linguísticas dos alunos, em especial, o domínio da norma-padrão, sem o estudo da gramática. Segundo o autor, o objetivo das aulas de Português é tornar o aluno proficiente: saber ler, interpretar, redigir os vários tipos de texto (ROCHA, 2002, p.71).

1.4 Os tipos de gramática e suas influências no ensino de língua materna

As reflexões voltadas para o ensino de língua materna são inúmeras. Efeito disso, temos os estudos nas áreas da linguagem e do ensino de línguas que buscam contribuir para a mudança das práticas escolares, permitindo uma visão muito mais funcional da questão: a consciência dos fenômenos enunciativos e a análise tipológica dos textos.

No entanto, para a BNCC (2017), isso não é suficiente, principalmente no que se refere à modalidade escrita, sendo o trabalho metalinguístico sobre características pertinentes de uma prática discursiva também fundamental. Tal apontamento justifica-se no interior da situação de produção de texto, enquanto o escritor monitora a própria escrita para assegurar sua adequação, através da coerência, da coesão e da correção, que ganham utilidade a partir dos conhecimentos sobre as regularidades dos aspectos da língua, a sistematização e a classificação de suas características específicas.

Dessa forma, ignorando e depreciando outras variedades da língua com base em fatores não estritamente linguísticos, o culto à norma do certo e do errado, de acordo com Travaglia (2011, p.44), cria preconceitos variados, por se fundamentar em modelos, muitas vezes, enganosos, como: purismo e vernaculidade, classe social de prestígio (de natureza econômica, política, cultural), autoridade (gramáticos, bons escritores), lógica e histórica (tradição).

Em relação ao aspecto tradicional, temos a gramática normativa, aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, como uma espécie de “lei” que regula o uso da língua em sociedade. Tudo o que está em desacordo com esse padrão é “errado” ou não-gramatical e o que está de acordo é “certo” ou gramatical. Já a gramática descritiva é a que descreve e registra para uma determinada variedade da língua em um dado momento de sua existência (abordagem sincrônica) as unidades e categorias linguísticas existentes, os tipos de construção possíveis e a função desses elementos, o modo e as condições de seu uso, trabalhando com qualquer variedade da língua (GERALDI, 2012, p. 66).

A sugestão de Possenti (2013) é a de que, primeiro, a escola priorize o ensino de gramática, partindo da internalizada, passando pela descritiva e, se necessário, findando na normativa; segundo, que o aluno domine efetivamente o maior número possível de regras, tornando-se capaz de expressar-se nas mais diversas

circunstâncias, de acordo com as exigências e convenções dessas circunstâncias. Para que isso aconteça:

O papel da escola não é o de ensinar uma variante no lugar de outra, mas de criar condições para que os alunos aprendam também as variedades que não conhecem ou com as quais não têm familiaridade, aí incluída, claro, a que é peculiar de uma cultura mais “elaborada”. (Possenti, 2013, p. 77)

Conforme Travaglia (2011, p. 66), é comum as gramáticas descritivas receberem nomes ligados às correntes linguísticas segundo as quais foram construídas: gramáticas estruturais, gerativa-transformacional, estratificacional, funcional, assim por diante. Já a gramática internalizada, a qual constitui e dá forma ao que entendemos por competências gramatical, textual e discursiva, possibilitando a competência comunicativa. Por tudo isso, entende-se que o ensino de gramática deve potencializar cada vez mais a formação plena e crítica dos educandos frente a questões relacionadas ao seu uso e aplicação dentro e fora da sala de aula.

A escola hoje, pelo menos em uma perspectiva teórica, encontra-se fortemente comprometida com um ensino de qualidade e com a ideia de construção da cidadania. Os conteúdos escolares ensinados aos alunos são entendidos como parte de um instrumental necessário para que todos compreendam a realidade à sua volta e adquiram as condições necessárias para discutir, debater, opinar e mesmo intervir nas questões sociais que marcam cada momento histórico. Segundo os PCNs (1997, pág.113):

O ensino de qualidade que a sociedade demanda atualmente expressa-se aqui como a possibilidade de o sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira, que considere os interesses e as motivações dos alunos e garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem.

O propósito da implementação de uma proposta significativa no contexto educacional do ensino é incorporar o conhecimento das características individuais com as que envolvem o mundo que o cerca, desenvolvendo uma íntima relação entre os componentes no processo ensino-aprendizagem.

Para que o professor consiga desenvolver habilidades e competências nos seus alunos, ele deverá estar atento tendo uma visão organizada e planejada da prática. É importante que sua metodologia pedagógica seja contextualizada com os

objetivos propostos no planejamento escolar para que a mesma seja alcançada e que a aprendizagem realmente aconteça de forma significativa.

Em relação às atividades experimentais, Silva e Zanon (2010) argumentam que a função do ensino experimental – e a do professor nesse ensino – relaciona-se com a adoção de concepção diferente sobre como ensinar e aprender. É essencial, aos processos interativos e dinâmicos que caracterizam a ação pedagógica do professor que, em relação não simétrica, faz intervenção e proposições sem as quais os alunos não elaborariam as novas explicações – aos fatos explorados em sala de aula.

Desse modo, é importante considerar como o processo de investigação e criação como ferramenta no processo ensino-aprendizagem tem conquistado espaço no contexto nacional educacional, principalmente no ensino de gramática no Ensino Fundamental II, favorecendo um trabalho pedagógico e educativo propício à produção de conhecimentos, da aprendizagem e do desenvolvimento integral dos educandos.

Para Cachapuz (2009), o processo de investigação é uma oportunidade de o professor refletir sobre a sua prática. No repensar a prática pedagógica, cabe ao professor, pesquisar metodologias que se adaptem à realidade do educando e a partir daí promover atividades experimentais que possam estimular e ajudar o aluno na compreensão dos conceitos e no entendimento da ciência como construção histórica e saber prático; que despertem a curiosidade e a criatividade do aluno, que o torne capaz de fazer uso de informações e conhecimentos científicos para entender o mundo que o circunda e resolver problemas e questões que lhes são colocadas.

Nesse sentido, a aprendizagem significativa implica sempre alguma ousadia: diante do problema posto, o aluno precisa elaborar hipóteses e experimentá-las. Fatores e processos afetivos, motivacionais e relacionais são importantes nesse momento.

Essa aprendizagem exige uma ousadia para se colocar problemas, buscar soluções e experimentar novos caminhos, de maneira totalmente diferente da aprendizagem mecânica, na qual o aluno limita seu esforço apenas em memorizar ou estabelecer relações diretas e superficiais.

Essa contextualização entre teoria e prática se faz mister, pois a vivência é o caminho mais eficiente para a delineação de uma educação significativa, já que o professor e os demais responsáveis pela educação desenvolvida na escola devem incluir, nessa educação, anseios, perspectivas, desejos e objetivos comuns, bem como a cooperação e a socialização de determinados conhecimentos adquiridos e

construídos coletivamente, fornecendo subsídios para que esses conhecimentos perpassem as “paredes” da sala de aula.

Contudo, Tardif (2014, p.33) destaca que “a escola, como sendo um ambiente social, deverá ser para todos os envolvidos no processo educativo, um local promissor a troca e vivência de experiências”, contribuindo de maneira positiva na efetivação de uma aprendizagem significativa e flexível, que considera além de notas quantitativas do rendimento escolar, as competências e habilidades que os mesmos adquirem ao longo desse processo.

Portanto, a escola, como sendo o meio social para socialização do conhecimento sistemático, deve facilitar a aprendizagem, desenvolvendo atividades que facilitem e criem um ambiente harmonioso e prazeroso no intuito de favorecer o processo de aquisição de autonomia de aprendizagem.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DA PESQUISA

Este trabalho é resultado de uma pesquisa integrativa de revisão bibliográfica. A pesquisa bibliográfica, na visão de Minayo (2017, p. 66), é aquela que:

Trata-se do levantamento, seleção e documentação da bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o mesmo.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado constituído de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Como ressalta Richardson (2012, p. 47):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muitos dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas.

Além disso, a pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que explicita o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consiste no levantamento, na seleção, no fichamento e no arquivamento de informações relacionadas à pesquisa. Dessa forma, a metodologia escolhida para a realização deste trabalho é de caráter descritivo e de natureza bibliográfica, levando em consideração ideias de autores que tratam do assunto.

Para que o estudo em foco fosse realizado de maneira produtiva, realizou-se uma pesquisa utilizando como instrumento de coleta de dados artigos científicos, levando em consideração obras de autores pertinentes ao tema. A busca dos artigos foi realizada nas bases de dados do Scielo e Google Scholar. Estas bases de dados foram escolhidas devido à maior abrangência na recuperação de artigos científicos.

Logo após consulta e análise bibliográfica, procedeu-se a elaboração desse trabalho, dando ênfase ao mérito dos autores citados, bem como a relevância de

fatores e aspectos relacionados aos objetivos propostos na elaboração do projeto de pesquisa, documento inicial e necessário para que as etapas seguintes desse trabalho pudessem ser realizadas de maneira eficaz.

Após a etapa de coleta de dados, procedeu-se à análise das informações, culminando na elaboração deste TCC, no qual foi possível incluir todas as informações condizentes e que se tornaram de extrema importância no desenvolvimento e na concretização do referido estudo, adotando-se como critério de inclusão trabalhos elaborados dentro do recorte temporal 2015 a 2024.

Foram definidas questões norteadoras (QN) para o desenvolvimento da pesquisa: QN1 – Qual a importância do ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa? QN2 – Que metodologias lúdicas e dinâmicas podem ser utilizadas pelos docentes para ensinar conceitos gramaticais aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, tornando o aprendizado mais atrativo e participativo? QN3 – Quais os principais desafios vivenciados pelos professores no decorrer de suas aulas no que diz respeito ao ensino de gramática?

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES DO ENSINO TRADICIONAL DE GRAMÁTICA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

3.1 Resultados da pesquisa integrativa de revisão

Utilizou-se nesta análise de pesquisa integrativa estudos desenvolvidos exclusivamente a partir de fontes bibliográficas, adotando-se como critério de seleção trabalhos elaborados dentro do recorte temporal 2015 a 2024. As informações foram coletadas no artigos a partir de um processo de seleção com base nos objetivos e no problema principal da pesquisa. Os artigos selecionados estão no Quadro 1, que traz o título, autores, revista/periódico e os anos de publicação dos trabalhos já publicados sobre o tema proposto.

Tabela 1- artigos analisados nesse estudo

Título do artigo	Autores	Revista/Periódico	Ano
O ensino de gramática na educação básica e a formação de professores de língua portuguesa: uma perspectiva sociolinguística da linguagem	Isabelle Muniz	Caderno Intersaberes	2024
Contextualizando bem, que mal tem? A gramática como ferramenta de ensino de língua portuguesa	Gonçalves; Aires	Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras Universidade Federal de Santa Maria	2022
Concepção de gramática e de ensino de gramática nas obras de Neves	Ferreira; Silva	Domínios de Lingu@gem	2022
O ensino produtivo de gramática: desafios e possibilidades	Souza; Serafim; Ribeiro	Letras e Linguística	2021
O Ensino de Gramática no Ensino Fundamental: Dificuldades e Possibilidades	Garcia	Rev. Mult. Psic	2018

A gramática e o ensino de língua portuguesa: as congruências e as divergências dessa relação nos dias atuais.	Gonçalves; Nascimento	Revista Docentes	2016
---	-----------------------	------------------	------

Fonte: Dados da Autora, 2024.

Isabelle (2024), por exemplo, destaca que o ensino da gramática deve ter como foco a utilização da língua nas práticas sociais articuladas com a produção e a leitura de textos. Nas atividades propostas, além da preocupação com o conteúdo gramatical, deve haver também um enfoque no uso social da língua, com suas exigências, características contextuais e limitações.

Devemos fazer com que o ensino tradicional de gramática deixe de ser visto como a transmissão de conteúdos prontos e passe a ser uma tarefa de construção de conhecimentos por parte dos alunos, em que o professor deixa de ser a única fonte autorizada de informações, motivações e sanções (SOUZA; SERAFIM; RIBEIRO, 2021).

Além do desenvolvimento vocabular, a leitura constante também aprimora a compreensão da estrutura e da organização textual. A exposição a diversos textos e gêneros, somado a técnicas de leitura e escrita permite que o aluno compreenda melhor como construir um texto coerente, e coeso, além de adequado a diferentes contextos sociais.

Gonçalves e Aires (2002) destacam que não propomos que o estudo gramatical seja descartado no ensino de qualquer língua, pelo contrário, deve ser concebido como uma base sólida por meio de atividades gramaticais que estimulem o exercício da fala e da escrita, pois a língua é o fundamento da comunicação e as atividades gramaticais são um meio para ampliar o repertório linguístico do aluno, por exemplo, permitindo que ele utilize recursos da língua de maneira adequada em diversas situações de interação comunicativa.

A problemática existente na gramática tradicional se encontra nas questões de nomenclatura e análise sintática, prejudicando essas os alunos, que acabam ficando na inalterabilidade, podendo eles ter em mãos uma nova gramática progressiva e aprenderem muito mais, para com isso obterem um conhecimento vasto. A linguística mais uma vez, contribui para a reformulação de uma nova gramática, supondo que é

preciso testar outros instrumentos além da gramática tradicional, já que essa se revela tão pouco eficaz que chega a ser um fator de desvio, para o aprendizado do aluno (GONÇALVES; AIRES, 2022).

Ferreira e Silva (2022) expõem que “na atualidade dos estudos linguísticos, a prática de análise gramatical tem sido vista como uma vertente inovadora do ensino tradicional de gramática”. Portanto, ensinar gramática é importante para garantir ao cidadão um maior acesso aos bens sociais, culturais e econômicos. A gramática é uma valiosa ferramenta pedagógica que auxilia na interpretação e na reflexão sobre os mais variados recursos linguísticos e produção de textos, e na oralidade (ISABELLE, 2024).

A inclusão do lúdico no ensino de gramática requer dos profissionais a competência de selecionar os conteúdos mais próximos da realidade e das necessidades dos educandos, contextualizando essas necessidades com atividades propostas e desenvolvidas por meio da ludicidade.

É indispensável que esse ato seja contextualizado de forma crítica e ativa com os objetivos que foram delineados no planejamento escolar e que são, de fato, necessidades para uma determinada realidade. É importante, pois, que o professor selecione materiais adequados, levando em consideração a idade e as necessidades de seus educandos para selecionar e deixar a disposição materiais adequados.

A diversidade de temas e perspectivas encontrados no ensino de gramática expõe os escritores a uma gama mais ampla de ideias. Essa diversificação de conhecimento contribui para uma expressão escrita mais informada, à medida que os escritores têm uma compreensão mais abrangente do mundo ao seu redor. Além disso, a leitura crítica é um aspecto essencial na formação da expressão escrita. Ao analisar obras, os leitores desenvolvem a capacidade de avaliar e interpretar textos de maneira aguçada, habilidade crucial na produção de escrita analítica e argumentativa.

Dessa forma, se faz necessário que esse processo de leitura seja facilitado principalmente pelo professor em sala de aula, uma vez que, nas suas residências, essa prática não é tão comum. No entanto, é importante reconhecer que o impacto dessa proposta não será uniforme para todos. Fatores individuais, como nível de engajamento com o texto, contexto cultural e experiências pessoais, também desempenham um papel significativo na maneira como a leitura molda as habilidades de escrita de um indivíduo.

O ensino da Língua Portuguesa passou por muitas alterações até tornar-se a disciplina trabalhada nas escolas de hoje em dia, até porque a língua não é algo estável. Dessa maneira, a disciplina, que teve como objeto de ensino a gramática normativa desde sua imersão no currículo escolar, começa a conviver com a heterogeneidade linguística presente dentro das instituições em função do processo de democratização da escola (SOUZA, SERAFIM, 2021).

Para Ferreira, Silva (2022), o estudo da gramática é importante para o desenvolvimento mental da criança, porém o aprendizado da linguagem e de seu uso implica reflexão, formulação de hipóteses e reconhecimento de erros e acertos no que diz respeito ao funcionamento da língua, visto que, em situações de interação comunicativa, essa dinâmica é crucial, pois os participantes precisam se fazer entender e compreender o outro em uma perspectiva de correspondência enunciativa para efetivar o ato comunicativo.

A diversificação das atividades desenvolvidas em sala de aula no ensino de gramática pode contribuir de maneira positiva para a qualidade de um ensino efetivo. Para isso, os professores precisam estar em constante busca por metodologias dinâmicas que se enquadram nas necessidades específicas dos alunos, tornando suas aulas, momentos ricos na contextualização de temas, saberes e conhecimentos indispensáveis na formação integral dos alunos como cidadãos críticos e atuantes na sociedade em que estão inseridos.

O lúdico é um poderoso recurso pedagógico no qual o professor poderá utilizar para aprimorar a sua prática docente, despertando, assim, o interesse e a participação dos educandos nas atividades a serem realizadas em sala de aula. Dessa forma, o professor em sala de aula deve promover uma prática diversificada envolvendo estratégias como: pesquisas, debates e discussões orais, confecção e exposição de cartazes, utilização de jogos e brincadeiras, dinâmicas de grupo, músicas, vídeos, murais e painéis evolutivos visando assim, trabalhar de maneira prática e dinâmica os conteúdos programáticos no ensino de gramática.

É de extrema importância que os conteúdos sejam trabalhados, de forma contextualizada com o seu momento histórico e relacionados com o momento atual. Para tanto, deve-se estabelecer relações com o cotidiano do aluno, procurando motivar o aluno para as leituras, reflexões, esclarecimento de dúvidas, pois é a sua participação que o tornará um sujeito pensante e crítico.

Nesse contexto, a adoção de uma perspectiva textual-interativa, que considera o texto como o meio pelo qual a língua opera, pode resolver o desafio de integrar diferentes aspectos do funcionamento da língua na interação comunicativa.

Para ensinar gramática, é preciso ficar claro que não é só fazer o aluno memorizar mecanicamente regras para “falar e escrever bem” e não é ensinar tão somente as classificações gramaticais e fazer o aluno responder a exercícios mecânicos de classificação e taxonomia, mas fazê-lo refletir sobre as escolhas linguísticas utilizadas pelos falantes da língua, entendendo que essas escolhas revelam o efeito de sentido que se quer alcançar naquele ato comunicativo (FERREIRA; SILVA, 2021).

A escola como espaço de troca de saberes e vivências de experiências e ideias, deve adaptar os seus currículos nas necessidades e realidades dos educandos, ou seja, selecionando os objetivos e os valores que serão transmitidos aos mesmos, assim, estará apenas construindo não só uma simples educação, mais uma educação de qualidade que procura desenvolver ou despertar qualidades, competências e aspectos indispensáveis no desenvolvimento integral dos educandos.

Essa é uma questão que diz respeito não só o ensino de gramática, mais a educação como um todo, onde um dos grandes problemas que afetam e a prejudica, são a falta de acompanhamento da família nas atividades escolares, visto que, no processo ensino-aprendizagem, é de suma importância que a família e a escola andem juntas.

O ensino de gramática deve ser considerado um processo dinâmico e não estático, isto é, pode ser considerada como sendo um ato que tem início, mas que não tem fim. Diante disso, a flexibilidade é um indicativo comumente presente ao longo do processo ensino-aprendizagem. Desse modo, é fundamental que o educador, na posição de mediador desse processo, saiba intervir de maneira responsável quando achar conveniente para que uma educação de qualidade realmente aconteça. Além disso, esse profissional deverá adaptar os conhecimentos trabalhados em sala de aula à realidade que cada uma delas apresenta, estabelecendo critérios e aspectos indispensáveis na busca incessante pela significação pedagógica do processo educativo.

O contato direto e ativo ao conhecimento, oportuniza os envolvidos no processo de ensino à construção de uma aprendizagem significativa que possibilita aos educandos a elevação, isto é, a promoção a outros níveis de aprendizagem,

constituindo-se dessa forma um processo que envolva uma grande complexidade e uma significação relacionada às necessidades e anseios que uma determinada realidade apresenta (GONÇALVES; NASCIMENTO, 2016).

As práticas pedagógicas lúdicas para o ensino de gramática incluem desde o planejamento e a sistematização da dinâmica dos processos de aprendizagem até a caminhada no meio de processos que ocorrem para além da aprendizagem, de forma a garantir o ensino de conteúdos e atividades que são considerados fundamentais para aquele estágio de formação do aluno, e, por meio desse processo, criar nos alunos mecanismos de mobilização de seus saberes anteriores construídos em outros espaços educativos.

Diante disso, nota-se que os professores buscam a cada aula trazer ferramentas e estratégias pedagógicas diversificadas, dinâmicas e flexíveis, com base na realidade pedagógica de cada sala de aula, visando construir uma educação planetária, significativa e prazerosa. Sendo assim, o ensino de gramática deve influenciar de maneira positiva na intervenção pedagógica quando o educador seleciona estratégias e atividades que estão mais próximas das necessidades e dificuldades que são diagnosticadas pelo educador ao longo do processo de ensino-aprendizagem.

O educador deverá promover momentos significativos e prazerosos em sala de aula, desenvolvendo aulas e atividades dinâmicas e diversificadas, tendo como ponto de partida a participação de todos os alunos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, os recursos didáticos devem auxiliar de maneira significativa na efetivação do ensino de gramática. Dessa forma, a prática pedagógica do educador deve ser pautada na diversificação dos materiais e recursos didáticos, visando assim, promover uma educação que integre todos os educandos de maneira que viabilize à construção um processo educativo onde todos participem de maneira integral e ativa.

Os professores de Língua Portuguesa têm como tarefa contribuir na formação dos alunos para o mundo em que vive, e proporcionar a eles o ensino necessário para que construam conhecimento e habilidades que necessitam para seu desempenho após concluir sua escolaridade. Com a evolução das mudanças no mundo atual, a escola deve adaptar seu ensino seja em conteúdo ou em metodologias, de forma acompanhar tais mudanças (GONÇALVES; NASCIMENTO, 2016).

O professor deverá ser capacitado para assumir o papel de facilitador da construção do conhecimento pelo aluno e não um mero transmissor de informações, sendo estimulado constantemente a modificar sua ação pedagógica, estando constantemente sugerindo, incentivando e mobilizando os alunos no desenvolvimento eficaz do processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que o professor precisa promover o raciocínio dos educandos, para isso pode utilizar de mecanismos que possam ajudá-lo no processo de assimilação da gramática.

Nesse sentido, a educação numa perspectiva de desenvolvimento das competências e habilidades do pensar tem na teoria educacional, um conjunto de princípios, saberes e concepções capazes de compreender o sentido da vida, como também as estruturas da prática educativa cotidiana. Desse modo, preocupar-se e valorizar-se com essa educação é estar comprometido sempre com a qualidade do processo de ensino. Assim, essa educação deve ser pautada no respeito, na confiança e no diálogo, para então, construir um ensino significativo e recíproco (RODRIGUES, 2016).

Para isso, é imprescindível que os estabelecimentos escolares demonstrem uma preocupação constante na busca por uma aprendizagem inovadora e significativa, oferecendo aos alunos, momentos propícios na construção efetiva da cidadania.

A importância da gramática no Ensino Fundamental refere-se a apropriação do entendimento e compreensão da linguagem escrita e leitora na perspectiva das práticas sociais letradas. Assim, a importância desse ensino desperta sempre debates e inquietações entre educadores e educandos, visto que, é um dos desafios que há muito tempo vem provocando reflexões e desenvolvimento de experiências no campo educacional.

Além disso, a gramática contribui na formação geral e que possibilita a formação de indivíduos críticos, autônomos e atuantes nesta sociedade em constante mutação é necessário desenvolver práticas de leituras variadas que promova, de maneira direta ou indireta, uma reflexão sobre o contexto social em que estão inseridas, haja vista que a escrita configura-se muito mais do que a simples decodificação, isto é, o processo de compreensão de determinados signos e sinais gráficos. Ela representa a oportunidade prática para uma nova tomada de visão e decisão, isto é, por meio da escrita, a criança precisa escrever e compreender o que se está escrito.

É indispensável que os professores ao realizarem o planejamento escolar delineiem aquelas atividades que estão mais próximas da realidade dos educandos, destacando aqueles conteúdos que serão mais significativos para eles naquele determinado momento ou em situações posteriores. Ensino e aprendizagem são duas facetas de um mesmo processo”. Com base nessa opinião, destaca-se que o professor deve planejar, dirigir e controlar todo o processo de ensino, estimulando as crianças a irem em busca do conhecimento de maneira livre.

A educação deve ser percebida como um processo contínuo, construído a cada dia, no qual, ao longo das etapas da aprendizagem, são levadas em consideração fatores imprescindíveis na concretização de uma educação de qualidade. Desse modo, o professor, como sendo mediador do conhecimento, deve oportunizar situações em que os mesmos se tornem coautores de uma maneira “diferente” de posicionar-se diante de determinada ideia e/ou pensamento contido no texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as informações apresentadas nesse estudo, é possível concluir que é imprescindível que os estabelecimentos escolares demonstrem uma preocupação constante na busca por uma aprendizagem da gramática inovadora e significativa, oferecendo, aos alunos, momentos propícios na construção efetiva da cidadania, bem como a implantação de um ensino que busque suplantar obstáculos que impedem os alunos de aprender produtivamente a língua.

O lúdico na sala de aula, em especial, na área da gramática, favorece a construção de um ensino atrativo e prazeroso. O professor de Língua Portuguesa deverá utilizar de estratégias diversificadas no seu planejamento para que os alunos se sintam estimulados a participar cada vez mais das aulas. Além disso, a execução das atividades desenvolvidas em sala de aula, relacionando às necessidades dos educandos com os instrumentos pedagógicos utilizados. Portanto, o lúdico é uma estratégia insubstituível para ser usada como estímulo na construção do conhecimento e na progressão das diferentes competências e habilidades no ensino de gramática.

É importante mencionar que as etapas que perfazem o ensino de gramática na sala de aula estão permeadas com métodos e técnicas que quando empregadas de maneira consciente e flexível pode contribuir de forma significativa para que os alunos, vistos como sujeitos sociais, compreendam as representações que lhe são postas no cotidiano diário.

Com isso, na delineação e execução de determinados métodos de ensino utilizados pelos docentes, é essencial que os mesmos tenham o discernimento de relacionarem ações e estratégias de ensino diversificadas e eficazes no êxito dos objetivos que foram propostos no planejamento didático.

Entretanto, os professores de Língua Portuguesa também enfrentam algumas dificuldades e desafios ao longo desse processo. Lidar com a diversidade de aprendizagem dos alunos e encontrar estratégias adequadas para atender a cada um deles é um desafio constante. No entanto, esses desafios têm sido oportunidades de aprendizado e de aprimoramento das nossas habilidades como educador.

A efetivação desse trabalho proporcionou um maior conhecimento acerca do assunto abordado nesse estudo, delineando características, fatores e aspectos positivos no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem da gramática,

apontando questionamentos e posicionamentos dos professores no intuito de estar, a cada dia, promovendo uma educação significativa e flexível, direcionada para o desenvolvimento integral dos educandos, enquanto sujeitos em constante formação. O ensino de gramática na atualidade deve romper os moldes tradicionais, os quais evidenciavam conceitos e definições soltas. Atualmente o ensino de gramática deve estar contextualizado e trabalhado de maneira interdisciplinar com os demais componentes curriculares e eixos temáticos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. S. R. **Uma reflexão sobre as possibilidades de leitores críticos dos meios de comunicação de massa**: tanto visuais quanto textuais. Florianópolis, 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção - área de concentração: Mídia e Conhecimento – ênfase em Tecnologia Educacional) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2002.

ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2013.

BRASIL. LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa, Brasília: 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação infantil. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/educacaoinfantil.nacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/educacao-infantil>. Acesso em: 09 de Outubro de 2024.

BRITO, Luiz P. L. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto em sala de aula**. 2.ed. Coleção: Na sala de aula. São Paulo: Ática, 2009.

BUNZEN, C. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M.(orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CÂMARA JÚNIOR. J. Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2015.

DALEY, E. **Expandindo o conceito de letramento**. Trabalhos em linguística aplicada, Campinas, n. 2, v. 49, p. 481-491, jul./dez. 2010.

FIORIN JL, Savioli. **Lições de texto**: leitura e redação. 2013. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001679240>. Acesso em: 09 de Setembro de 2024.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. Cascavel: Ática, 2010.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. 20. Ed. Curitiba: Ibpex, 2007.

GUSDORF, G. **Para uma pesquisa interdisciplinar**. Antologia. Brasília: Ed.UnB, 1984.

KLEIMAN, A. **Leitura**: Ensino e pesquisa. 2. Ed. Campinas: Pontes, 2001.

KOCH, I. G.V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio et al. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. **Gêneros textuais e ensino**, v. 2, p. 19-36, 2002.

MATOS E SILVA, R. V. **Contradições no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1995.

MENDONÇA, Márcia. **Análise Linguística no Ensino Médio**: Um Novo Olhar, Um Outro Objeto. In Clécio Bunzen (org). Português no Ensino Médio e Formação do Professor. 1ª Ed. São Paulo: Parábola, 2006, p. 199 – 226.

PERFEITO, Alba Maria. **Concepções de linguagem e análise Linguística**: Diagnóstico para proposta de intervenção. In: CLAPFL – I Congresso Latino Americano de Professores de Línguas. Florianópolis: EDUSC, 2007, p.824 – 836.

POSSENTI, Sírio. **A língua não é dos falantes**. In: Revista Língua Portuguesa. Nº 89: Editora Segmento. p. 44-45. 2013.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SANCHES, Ieda Maria Nogueira. **O internetês na sala de aula que língua é essa?** Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP, Campus São Paulo, no Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Formação de Professores. São Paulo. 2013.

SANTOS SOBRINHA & DE MESQUITA FILHO. **A variação linguística no ensino de língua materna**: o que o professor deve fazer na sala de aula? 4. Ed. São Paulo: Revista Anagrama. 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11.Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TEDESCO, Sirlei. **Formação continuada de professores**: experiências integradoras de políticas educacionais- PNAIC e PROUCA- para alfabetização no ensino fundamental de uma escola pública. Dissertação (Mestrado)- Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Trad. de Celso Cunha. 6. Ed. Portuguesa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º grau.2. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VIEIRA, Silvia R. & BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Organização. **Ensino de gramática descrição e uso**. 2. Ed. São Paulo: Contexto. 2011.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

WIDDOWSON, H. G. **O ensino de línguas para a comunicação**. 2. Ed. Campinas: Pontes, 2011.

YUNES, E.; OSWALD, M. L. (Orgs.). **A experiência da Leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.